

A Urgência da Filosofia em Cursos Superiores de Tecnologia: Para Além da Pragmática da Eficiência e da Normatividade

[The Urgency of Philosophy in Higher Technology Courses: Beyond the Pragmatics of Efficiency and Normativity]

Marcelo Micke Doti*; Emerson Freire**

Resumo: A grande especialização alcançada em todas as áreas do conhecimento humano são formas pelas quais as narrativas do mesmo conhecimento se colocam diante de objetos construídos dessa especialização, mas que, ao mesmo tempo, compromete o ideal democrático e integral da universidade. Muito sensível a esses aspectos da contemporaneidade são os cursos tecnológicos e a proposta deste artigo é demonstrar porque a filosofia é fundadora e restauradora de um saber integral e não “tecnicista”. A sua urgência e necessidade nesses cursos é apresentada argumentando através de Simondon (*Du mode d'existence des objets techniques*) bem como do desenvolvimento da concepção não mediada da tecnologia, mas a tecnologia e suas técnicas como determinado tipo de linguagem. Acredita-se, assim, abrir espaço para o pensamento filosófico e sua constante forma de interrogar escampando de determinadas estreitezas da especialização.

Palavras-chave: Tecnologia. Técnica. Linguagem. Simondon. Especialização.

Abstract: The great specialization achieved in all areas of human knowledge are ways in which narratives of the same knowledge stand before objects constructed from this specialization, but at the same time compromising the democratic and integral ideal of the university. Very sensitive to these aspects of contemporaneity are the technological courses and the purpose of this article is to demonstrate why philosophy is the founder and restorer of an integral knowledge and not "technicist". Their urgency and necessity in these courses is presented by arguing through Simondon (*Du mode d'existence des objets techniques*) as well as the development of the unmediated conception of technology, but technology and its techniques as a particular type of language. It is believed, thus, to make room for philosophical thought and its constant form of interrogation by eschewing certain narrowness of specialization.

Keywords: Technology. Technique. Language. Simondon. Specialization.

*Professor e pesquisador do Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza (CEETEPS) e na Faculdade de Tecnologia (Fatec/Campus Mococa). Doutor em Planejamento de Sistemas Energéticos pela Unicamp, graduado em Ciências Econômicas pela Unesp, mestre em Filosofia Política pela Unicamp, e mestre em Sociologia Unesp. Realizou pós-doutorado em Pesquisas Energéticas na UFABC. E-mail: marcelo.micke@uol.com.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9657-6626>.

**Professor e pesquisador no Mestrado em Educação Profissional do Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza (CEETEPS) e na Fatec Jundiaí, onde coordena o Núcleo de Estudos de Tecnologia e Sociedade (NETS). Doutor em Sociologia pela Unicamp e em Filosofia pela Université de Paris 1 (Panthéon Sorbonne), bem como mestre em Política Científica e Tecnológica pela Unicamp. Realizou pós-doutorado no Departamento de Sociologia da Unicamp. E-mail: emerson.freire@fatec.sp.gov.br. ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-5449-2002>.

“É por isso que dizemos que a única literatura autêntica dos tempos modernos é o manual do usuário.”

(David Cronenberg, *Consumidos*)

1. A filosofia diante da tecnologia e a formação do tecnólogo

A frase que abre este artigo como epítáfio é a fala da professora de filosofia Célestine Arosteguy, casada com o também filósofo Aristide Arosteguy no livro de estreia de Cronenberg. No livro, praticamente um *thriller* policial, mas com reverberações outras e bem ao estilo do diretor, a filósofa é morta e canibalizada. Em outros termos, ela é consumida. Mas quem não o é? O casal de jornalistas, Naomi que quer entender o acontecido e o que aconteceu com Célestine, e Nathan, consomem-se também em seus aparatos tecnológicos enquanto pensam os consumir. Essa é uma questão incontornável e profundamente filosófica: as atuais tecnologias e seus consumos. O que se consome e o que se deixa consumir em si é uma nova etapa da interação com as tecnologias. Essa indagação seria essencial dentro dos cursos de formação tecnológica: além da formação crítica em seus múlti-

plos sentidos, teríamos também quebra de lugares comuns e paradigmas dentro dos respectivos cursos. Entre eles a problemática muito pertinente da comunicação: esta não é troca de informação simplesmente como é investido pelos múltiplos ideólogos da ordem com suas aporias de “sociedade do conhecimento”, “sociedade da informação”, entre tantas outras. Como se a comunicação fosse apenas a carga enorme de informação orientadora da sociedade atual (GLEICK, 2011). A comunicação é troca como ato ético (SODRÉ, 2018) e como tal é manifestação de atravessamento de uma subjetividade por outra: em última instância na dinâmica dos grupos sociais é uma forma de *transfêrência* (DOR, 1989).¹

Dentro desse quadro já podemos traçar algumas questões e problemáticas para pensar a tecnologia e sua relação essencial com a filosofia dentro dos ambientes formadores dos cursos tecnológicos, destacando-se as faculdades tecnológicas. Destacamos a seguinte inda-

¹Ver esta questão dos grupos convertidos em massa e sua essencialidade nas eleições de 2018 no Brasil e o cenário aberto no âmbito cultural e educacional a ponto desta publicação fazer resistência à “balbúrdia” instaurada. Não à toa uma das manchetes do portal de notícias UOL e outras, logo após às eleições, abordar a eleição na qual a televisão assistiu pela internet. Para a problemática psicanalítica e o quadro desenvolvido dentro da comunicação das eleições e seu quadro ético, não apenas os clássicos *Psicologia de Massas* e *Análise do Eu* de Freud, o *Psicologia de Massas do Fascismo*, de Reich, mas também a análise “à quente” de Christian Dunker (2019) no livro *Democracia em Risco?* e seu artigo demonstrando como as redes sociais transformaram grupos em massas. Por esse meio as tecnologias digitais são armas de comunicação não neutras. Atentemos bem a isso: como *linguagem* as tecnologias nunca são neutras.

gação: o que melhor que a tecnologia e sua *linguagem* na narrativa social atual do sistema produtivo do capital para construir uma inescapável armadilha dos limites? Como escapar e criticar as *linhas* de prisão de um mundo de múltiplos simbólicos e seu poder, de elogio da eficiência e da destruição: não só ambiental, mas das mentes excitadas do espetáculo (TÜRCKE, 2014, DEBORD, 1997)? Escapar para uma experiência do *fora* e que exige crítica, uma visão pelo outro, mas que a suspeição de uma infinita mediação tecnológica nos impede? São motivos importantes para colocar as problemáticas e indagações filosóficas dentro dos cursos superiores de tecnologia.

No entanto, antes de prosseguir, deve-se colocar que não só as configurações sociais e políticas atuais estão em uma rota de colisão com algumas das grandes expectativas da filosofia como a construção de liberdades possíveis ou liberdades a serem inventadas, um rumar para as diferenças. Essas configurações sociais e culturais também são técnicas e tecnológicas: ambas só se falam no plural (*técnicas* e *tecnologias*) e são uma forma de linguagem. Como linguagens possuem a propriedade de transmitir-se a outro, comunicação. O ato comunicativo, por ser ato, é processo ético e coloca-se de um para outro como poder a ser exercido das for-

mas mais diversas possíveis: o poder de educar e atravessar uma outra subjetividade e lhe produzir a diferença. Mas, também, poder para a dominação, sujeição e legitimação do discurso tecnocientífico. São questões e problemáticas sobretudo marcantes dentro dos cursos tecnológicos e contra as quais invocamos a filosofia como máquina de guerra conceitual. As linguagens das tecnologias e das técnicas, por serem linguagens, podem ser pensadas conceitualmente e podem ser atravessadas pela máquina de guerra da filosofia².

Pensar essas problemáticas marcam profundamente a mencionada urgência e necessidade da filosofia dentro dos cursos tecnológicos. Adequa-se a uma urgência histórica na qual a filosofia é vista como suspeita, mas também ao seu caráter próprio dentro do projeto democrático de sociedade e da universidade pública. A formação integral em cursos do ensino superior, como um todo, é parte também da interrogação dentro dos cursos tecnológicos, porém é preciso considerar suas especificidades. Estes, submetidos apenas a uma lógica da técnica como linguagem de determinada configuração social, econômica, política e cultural, não mais interrogam a técnica, a tecnologia e sua apropriação pelo aparelho tecno-científico centralizado economicamente. A especialização crescente na área de tecnologia e

²Usamos máquina de guerra aqui no sentido dado por Gilles Deleuze e Félix Guattari em *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia* (1997).

seus cursos superiores é muito sensível a essa não interrogação e perda da universalidade e dos projetos de sociedades diversas e democráticas. Esse é o caminho do que costumamos chamar de “tecnicismo”. A urgência e necessidade da filosofia é quebrar esse apelo especialista e tecnicista e interrogar a própria base da filosofia e sua potencialidade dentro dos cursos superiores de tecnologia. A filosofia precisa interagir com a técnica, a tecnologia e suas configurações socioeconômicas não apenas como prática pedagógica, mas como projeto social.

2. Filosofia e tecnologia: diálogos possíveis, necessários

Logo no primeiro parágrafo da introdução ao seu livro mais conhecido, *Du mode d'existence des objets techniques* (MEOT), o filósofo Gilbert Simondon faz uma afirmação surpreendente, até mesmo parecendo exagerada à primeira vista, qual seja, a de que a intenção do seu estudo é suscitar a necessidade da tomada de consciência do sentido dos objetos técnicos pela cultura e que, para tanto, é preciso um pensamento filosófico que leve à cabo essa tarefa com o mesmo esforço ou com “um dever análogo àquele desempenhado para a abolição da escravidão e da afirmação da pessoa humana” (SIMONDON, 1969, p. 9 – tradução livre nossa).

No calor das discussões sobre os im-

pactos da cibernética, em sua aliança com as teorias da informação, trazidas principalmente pelas obras de Norbert Wiener (1968, 1970) em anos anteriores, Simondon apontava uma urgência da incorporação dos objetos técnicos pela cultura que, segundo ele, ignorava a realidade técnica ela mesma, por estar direcionada crescentemente ao pueril espetáculo do consumo que eles podiam proporcionar. Ignorando a realidade humana depositada nas máquinas, a oposição cultura e técnica, entre homens e máquinas, aparece como falsa, sem fundamento.

Assim, duas atitudes contraditórias da cultura em relação aos objetos técnicos ficavam cada vez mais evidentes para Simondon: a primeira era considerá-los como um simples conjunto de matérias, desprovidos de verdadeira significação, prontos apenas para o uso, um sentido unicamente utilitário; a segunda, baseada na ideia do autômato, do robô que se insurgiria, seriam os objetos técnicos hostis ao homem, um perigo iminente a ser controlado. Controlar ou ser controlado, escravizar ou ser escravizado pelas máquinas, aparece enquanto um falso problema quando não se elimina a palavra “escravizar” da relação, quando não se propõe o estabelecimento de uma cultura técnica de fato, uma acoplamento positivo (não positivista) entre homens e máquinas, que considere a realidade técnica e suas implicações sócio-políticas:

Longe de ser o vigia de um grupo de escravos, o homem é o organizador permanente de uma sociedade dos objetos técnicos que precisam dele como os músicos precisam do maestro. O maestro da orquestra só pode reger os músicos porque ele interpreta, como eles e tão intensamente quanto todos eles, a peça executada. Ele acalma ou apressa os músicos, mas é também acalmado e apressado por eles; de fato, através dele, a orquestra acalma e apressa cada músico. Ele é para cada um deles a forma movente e atual do grupo em sua existência presente; ele é o intérprete mútuo de todos com relação a todos. Assim, o homem tem por função ser o coordenador e o inventor permanente das máquinas que estão à sua volta. Ele está *entre* as máquinas que operam com ele (SIMONDON, 1969, p.11).

Portanto, nem a relação de uso, utilitária, autocrática em direção às máquinas, ou tecnocrática, de subordinação à elas em nome da velha ideia de progresso técnico, do tecnicismo, nem a relação de propriedade e de gestão, nem a especialização, nem mesmo o conhecimento científico por si só, são suficientes para retomar o sentido das ativi-

dades sociotécnicas, visando diminuir a distância criada entre cultura e objetos técnicos. A figura do maestro em substituição ao vigia não é aleatória ou retórica. Não se trata de formar vigilantes de elementos e indivíduos técnicos (técnicas e tecnologias isoladas), leitores de manuais operacionais, mas de orquestradores, de pessoas para inventar recombinações potenciais no nível dos conjuntos técnicos. É nesse nível que o pensamento filosófico, o que não é o mesmo que dizer o filósofo formado, é imprescindível e urgente.

Uma separação entre cultura e técnica é o que mais proporciona a (des)politização constante em relação aos objetos técnicos, os quais acabam sempre encerrados em um tecnicismo intemperante, como o classifica Simondon, fazendo surgir uma alienação ainda mais profunda daquela que é fruto da exploração do trabalho pelo capital, no sentido que lhe dava Marx. É a alienação frente ao modo de existência dos objetos técnicos, da não incorporação da técnica pela cultura por suas características mesmas. A iniciação à técnica e à tecnologia, desde que não a partir das duas vertentes contraditórias apontadas, deveria ter, para Simondon, o mesmo estatuto da educação científica. Um aprendizado no nível dos esquemas e da gênese dos objetos técnicos, não apenas normativo, mas tão “desinteressado” quanto possível, como na prática das artes nos anos iniciais da formação educacional. Ampliar, gene-

ralizar e aprofundar a cultura, que sofreu certo empobrecimento pela especialização intensa e extensiva, são tarefas próprias ao pensamento filosófico que ajuda a diminuir estereótipos e mitos sobre a técnica, sobre as máquinas do entorno ao homem. A máquina é o pensamento concretizado, o gesto humano depositado, como sempre lembrava Simondon, e o homem é seu intérprete, aquele que lhe dá significações e sentidos por meio de invenções.

É interessante que Simondon considere que para essa introdução efetiva do objeto técnico na cultura, o *tecnólogo* é figura essencial, uma espécie de psicólogo ou de um sociólogo das máquinas, das tecnologias, pois seria dele a função de desvelar, a partir dos esquemas de funcionamento, a tecnicidade dos objetos, as possibilidades outras de relações do homem com o mundo. Mas, para tanto, um pensar filosófico lhe é fundamental. Não se trata de pensar filosófica e disciplinarmente *sobre* os objetos técnicos, mas com eles, de maneira imanente, apontando para a construção de uma cultura técnica que elimine as relações de subordinação ou de submissão, que produza acoplamentos positivos entre tecnologias e humanos, para além das pragmáticas da eficiência econômica e de apelos à moral, de um uso para o bem ou para o mal de determinado conjunto técnico.

O rechaço à participação do pensamento filosófico para a criação de uma cultura técnica, muitas vezes vem da

ideia de que o desenvolvimento tecnocientífico é sinônimo de evolução, de progresso humano, como que algo natural, uma conexão direta entre invenção e melhora das condições de vida. Em outro texto, *Les limites du progrès humain*, Simondon (1990), demonstra o quanto é infundada essa equiparação. O que em um determinado campo pode ser considerado como um progresso (essa palavra tão desgastada), não entendido aqui como etapas sucessivas cronologicamente, mas como uma mudança de fase após a saturação de um determinado domínio, pode não significar necessariamente avanço no entorno desse domínio. Pode-se ter modificações profundas na linguagem, o que não implica em uma revolução literária, com maior ou menor qualidade. É porque não se pode pensar em termos somente do que o homem produz (linguagem, técnica), mas também do que o homem é, ou seja, há uma questão ontológica envolvida por princípio. É nesse sentido que a reflexão própria ao pensamento filosófico se torna imanente à concretização objetiva nos diversos domínios do conhecimento, particularmente aqui à concretização dos objetos técnicos, promovendo uma espécie de ressonância interna:

Somente o pensamento filosófico é comum ao progresso da linguagem, ao progresso da religião, ao progresso da técnica; a reflexividade do pensamento

é a forma consciente da ressonância interna do conjunto formado pelo homem e a concretização objetiva; é esse pensamento que assegura a continuidade entre as fases sucessivas de progresso, e é somente ele que pode manter a preocupação de totalidade e fazer com que o descentramento do homem, paralelo à alienação da concretização objetiva, não se efetue (SIMONDON, 1990, p. 14).

É nesse sentido que se considera que estabelecer a formação em cursos superiores de tecnologia somente a partir da especialização utilitária, sem considerar essa dimensão ontológica, é empobrecer essa formação e confinar os valores políticos e sociais de uma cultura técnica ao pragmatismo comercial, é alienar o indivíduo da realidade técnica, de submetê-lo a uma subjetividade programada e controlada, pelo *marketing* e pelo consumo ainda mais.

Não por acaso que autores como Félix Guattari (1989), por exemplo, se voltou para o estudo de como se constroem os territórios subjetivos, uma vez que a produção de subjetividade se tornou cada vez mais depende de uma diversidade de sistemas maquínicos, principalmente em uma fase que ele denominou de “era da informática planetária”, que criaria um gerenciamento da subjetividade diferente daquelas vividas na “era cristã europeia” e da “era da desterritorialização capitalística dos

saberes e das técnicas”. Não cabe neste espaço se alongar e descrever estas últimas, mas entender a preocupação de Guattari com a atual era:

A questão que reaparece de maneira lancinante é de saber por que as imensas potencialidades processuais impulsionadas por todas essas revoluções informática, telemática, robótica, burocrática, biotecnológica... levaram somente, até o presente, a um fortalecimento dos sistemas de alienação, à uma mediatização de massa opressiva, às políticas consensuais infantilizadoras (GUATTARI, 1989, p. 22 – tradução livre nossa).

Se o desequilíbrio entre homem e máquina, iniciado no século XVIII, fazendo com que o primeiro perdesse paulatinamente espaços sociais para a segunda e gerando novos enunciados semióticos pelo capital, na era da informática planetária esse deslocamento é mais intenso, entre outras razões, pelo aumento exponencial de dados digitais gerados e pela maior capacidade de processamento em menos tempo. As enunciações, a produção de subjetividades, os desejos e afetos, passam para o controle da maquinaria informacional que se dá em redes mais amplas e globais, inclusive com implicações geopolíticas. Entende-se o incômodo de Guattari (1989), pois ele percebe as

potencialidades recombinaatórias dessa passagem, porém observa claramente o caminho da alienação renovada que se perpetua e que, como se viu, está muito próxima àquela descrita anteriormente a partir de Simondon (1989, 1990) em relação aos modos de existência dos objetos técnicos. A planetarização informática permitiria outra aliança entre homens e tecnologias, não necessariamente mais com o homem no centro, mas como maestro, acompanhando o movimento da música e dos músicos.

Há um importante caráter estético aí envolvido, sem dúvida. Um pensamento estético que se alia ao pensamento técnico. Muito curioso que Simondon (2009), em uma entrevista sobre a *mecanologia* (correspondente atualmente à tecnologia) dada à Jean le Moyen e Jacques Parent, em 1968, chega a afirmar que “faltam-nos poetas técnicos”. A poética de que fala Simondon não se encontra no “embelezamento” do objeto técnico, na movimentação do desejo para o consumo estrito, utilitário, mas na maneira como expressa o mundo a partir do acoplamento homem-tecnologia, na gênese, na tecnicidade operada no processo inventivo, na figura que surge de um fundo como problema a ser resolvido, em que a intuição técnica se apresenta e se faz mais potente quando aliada ao pensamento filosófico. Como dito em outra ocasião, “trata-se, em última instância, da invenção concebida a partir de um ponto de vista sociopolítico

por meio da tecnicidade e da intuição” (FREIRE, 2018, p. 22) ontologicamente ligado ao processo de individuação, do ser em devir.

3. Tecnologia e linguagem

Em qualquer estrutura social formamos e somos formados pelo “consumo”. E não nos apequenemos: consumo não é um conceito exclusivo, único e próprio da sociedade manietada pelo capital. Nesta ele atinge padrões insustentáveis para a própria vida. Somos usados e usamos. Na sociedade de tantos objetos e processos tecnológicos a nos adentrar a vida é muito fácil a emergência de várias formas de atravessamento da subjetividade a limitar nossas capacidades críticas, políticas, culturais entre tantas outras. Ao sermos consumidos pelas coisas e processos tecnológicos na sociedade marcada pelas tecnologias comunicativas (TICs), temos nossas percepções transformadas, nossas percepções conceituais, nossos afetos e o deslocamento do eu formando um supereu pós-moderno (ŽIŽEK, 1999). Este supereu pós-moderno e as linguagens tecnológicas que o formam por consumi-lo vem como um “pacote de ofertas”: ao sermos consumidos e consumindo também estamos no reino da pós-verdade, das *Fake News* (não entendemos o motivo do eufemismo para mentira; talvez esta doa mais), de teorias conspiratórias estúpidas de todos os tipos – filo-

sofia da história para as massas como diz Safransky (2010). Se no mundo, nos tempos e espaços produtivos dos séculos XIX e boa parte do XX disciplinava-se o corpo, disciplinava-se o trabalho, o próprio *fazer* dos atos e processos, hoje estamos em novo patamar: o disciplinamento dos desejos e das vontades (DAR-DOT; LAVAL, 2016). O próprio tempo livre da etimologia da escola é atacado. A máquina de guerra filosófica adentra neste campo tomando a linguagem das tecnologias para indagar e ousar reen-trâncias possíveis.

Já desenvolvemos em outras oportunidades problemáticas sobre a tecnologia e as técnicas como linguagens³ e como tais, formas de “confiscar” a subjetividade atravessada. Não compreendemos a formação de qualquer sujeito e sua subjetividade sem o outro. Sempre haverá, por sermos linguagem e processos sociais, um alienar-se no outro, a formação do eu como processo paranoico como em Lacan (SAFATLE, 2017). O centro nervoso da indagação é entender o que deste atravessamento nos leva para uma diferença, para processos produtores de formas de vida menos empobrecedores da liberdade e seu desejo. Também não se nega aqui o fato da escolha, a escolha como processo do sujeito assim colocado por diversos pensadores: Pascal, Sartre, Walter Benjamin. Mais uma vez a filosofia e seu ensino-

estudo é uma *aposta* (aqui pascalina) em construções de formas de vida a permitir pensar outras configurações sociais, políticas, culturais e, sim, tecnológicas.

Problemáticas sobre a tecnologia como forma de pensamento despontam. Tecnologia como linguagem – e sempre no plural como assinalado e indicado – pressupõe retirar-lhe instrumentalidade e colocá-la no meio do “jogo humano”. Logo acima falamos de potencialidades de novas configurações políticas, sociais, culturais e tecnológicas. No entanto, em hipótese alguma isso é permitido enquanto a tecnologia for uma subordinação meramente instrumental e produtiva³ e todos os cursos que as ministram (direta ou indiretamente) continuarão a repetir uma forma de subsunção: não aquela do homem à máquina, mas do fazer tecnológico a uma concepção que lhe escapa, não lhe é própria. Por serem formas de linguagem, as tecnologias devem ser pensadas como qualquer outro processo humano e de construção social tal como cinema, música, pintura, relações sociais etc.

Em documentário de Werner Herzog sobre a caverna de Chauvet mostram-se as pinturas e como o diretor fica maravilhado diante das mesmas (FREIRE, 2018). Destacamos aqui o bisão de 8 pernas, o bisão em movimento. Por meio deste exemplo e outro a seguir

³Dizemos *linguagens*, uma vez que nunca se pode dizer tecnologia no singular. Sendo que *tecnologia é linguagem* como defendemos há algum tempo (DOTI, 2018a, 2018b, 2018c) elas serão sempre plurais. A questão de articulação de tecnologias e dos seus gadgets é outra, pois transformamos linguagens e, portanto, as interações humanas sobre elas.

poderemos confeccionar uma crítica ao conhecimento tecnológico e especificar mais ainda o entendimento da filosofia dentro de cursos tecnológicos e todos aqueles aplicados.

Neste caso do bisão o pintor nesta caverna queria mostrar o movimento e sua beleza. Narrar essa beleza só podia ser feita usando uma técnica descolando o real da representação. A beleza surge não como ser, mas como narrativa e narrativa somente possível de ser posta no mundo pela técnica da pintura. O essencial para nós neste ponto é demonstrar a cadeia de continuidade entre olhar, pintar e expressar. A técnica não é mediação, a técnica não é instrumento. Neste passo, mesmo Marx, foi refém da filosofia idealista alemã e sua cadeia de mediações (CHAUÍ, 2018, p. 404). Assim a técnica, por ser linguagem, é também trabalho do afeto: seu desenrolar como linguagem e não instrumentalidade é afeto, envolvimento com os processos. Se esse afeto é exteriorizado da subjetividade e a torna uma pulsão de morte⁴, torna-se um afeto deslocado e usado pelo outro para a dominação e a legitimação desta.

Dadas as características diferentes do cristianismo ortodoxo, a Páscoa Russa é muito colorida: seja nas vestes, nos

ovos coloridos, nos ícones, na própria catedral de São Basílio se estivermos em Moscou. Parte dessa riqueza de cores, assim como dos cantos e do próprio misticismo transparece na música programática de Rimsky-Korsakov, *A Grande Páscoa Russa, o opus 36*. Não se pretende uma análise musical e nem as motivações de Rimsky-Korsakov na elaboração, ou melhor, na tessitura desta: *tessitura*, pois a partitura musical é um tecer de notas. E o que é uma partitura musical e suas notas, o pentagrama ou pauta musical, a escalas, os acordes, os diversos instrumentos e a regência, os andamentos, senão técnicas? E o som que nos chega aos ouvidos não seria possível sem esse processo. Há, no entanto, diferença muito grande em pensar o autor e a música final *apenas mediadas* pela técnica: esta é linguagem essencial do processo e dentro de uma sociedade tecnológica capturar essa linguagem é capturar a “fabricação do humano”.

Não sendo pretensão a análise da peça em questão – o op. 36 – e sim sua tessitura, é notável como os instrumentos entretecendo-se de forma melancólica e armando solos em um leve despetar para as festividades e um grande *allegro* que se segue. Seria a *representa-*

⁴A pulsão de morte é conceito desenvolvido por Freud para explicar as formas pelas quais os sonhos, por exemplo, não são mais realização de desejos, são expressões do trauma. A pulsão de morte é a morte do próprio desejar. Por meio dela repetimos incessantemente nossos traumas de forma inconsciente. Neste caso queremos enfatizar o repetir cotidiano não apenas como as necessidades de viver por meio das repetições do trabalho, mas este trabalho tornado trauma, a técnica e as tecnologias tornadas afetividades do tempo em um eterno retorno do mesmo, uma repetição sem diferença.

⁵A questão da representação em arte é complexa e não cabe neste espaço, mesmo porque não se tem intenção de falar da mesma e por isso apenas assinalamos como potencialidade interpretativa e não “o que foi dito pelo músico”. Mesmo esta frase é passível de discussão uma vez que o mais importante da linguagem artística é o *significante* e não o significado: é isso que lhe confere abertura.

ção⁵ da festa até a Ressureição. A escolha da música de Rimsky-Korsakov foi casual e não a música: linguagem sem imagem, para nós assemelha-se à técnica. O compositor russo ao colocar sons em uma imagem cultural (a festa da Páscoa) usou técnicas de seu repertório formativo, de sua *Bildung*. Usou também instrumentos musicais tecendo os sons em uma paleta de cores⁶ notável. Estes, os instrumentos musicais, são tecnologias de modulação do som: cada um com seu próprio timbre e gama de sons. Rimsky-Korsakov, então, usa de suas técnicas para modular esses sons fazendo música. O resultado não é apenas o op. 36, mas um circuito construtivo da técnica como parte do processo e produção do novo, não como meio: trata-se de metafísica da imanência.

Poderia se dizer: “mas tudo isso é outro domínio, da pintura, da música!?” Teríamos uma afirmação/interrogação ao mesmo tempo expressando a incompreensão de que a tecnologia, as técnicas, não são meios, não são utilidades como já aparecia como parte da contradição para Simondon: utilidades e dominação. São linguagens e não essências, são linguagens e não substancialmente diferente de outras. Não fazemos em nosso dia a dia poesia (in-

felizmente), mas isso não tira as potencialidades desse dia a dia e nem mesmo joga no lixo a linguagem comum e exorta aos céus a linguagem artística. Por isso “faltam-nos poetas técnicos”. Neste caso o *cowboy* cibernético de *Neuromancer* (GIBSON, 2016) desafiando as megacorporações e colocando para si um espaço de construção às margens, desestabilizando os sistemas informáticos, entende mais de filosofia da tecnologia e o sentido de liberdade que esta deveria ter do que conceituadores de ementas disciplinares em cursos tecnológicos. É este *cowboy* de William Gibson alguém que procura não se deixar consumir: o oposto de Naomi e Nathan do romance de David Cronenberg (2014).

4. Conclusão: Prometeu acorrentado novamente?

No seu já clássico livro, *Prometeu Desacorrentado*, David Landes desenvolve com exuberância de dados um perfil e panorama históricos das transformações tecnológicas dos últimos 150 anos à data da publicação da obra (LANDES, 1994). Aliás, não seu único livro na área (LANDES, 1983) consagrando-o como grande historiador da economia e das transformações tecnológicas e sociais.

Para a linguagem tecnológica não seria a mesma coisa? Isso demandaria outro texto não tendo pertinência agora.

⁶Não usamos casualmente aqui a sinestesia: trata-se de técnica linguística, uma figura de linguagem – muito usada pelos simbolistas – para construir imagens novas, conceitos novos em uma profusão de ideias. Em outros termos, utilizamos uma espécie de metalinguagem neste artigo: palavras que falam sobre palavras para construir conceitos sócio-político-culturais destacando a filosofia e os cursos tecnológicos.

Tamanho grau e qualidade das transformações tecnológicas não se dão ao acaso: resultado de profundas transformações socioeconômicas. Numa espiral crescente de fluxos de múltiplas determinações e influências de fatores históricos, sociais, políticos, econômicos e culturais, essas transformações nos trazem ao século XXI e sua cultura digital: o número de publicações sobre o assunto é praticamente inesgotável. E não cabe agora o envolvimento com a cibercultura (LÉVY, 2010; LEMOS, 2007) fruto das transformações digitais e de profundo impacto nos afetos, sentidos, imaginação, cognição, percepção e nas gramáticas psicanalíticas e seu mal-estar (BIRMAN, 2012; 2017). Importante é destacar um dos resultados infelizes dessas transformações: a *especialização acadêmica estrita*. Esta promove a perda da integração e do ideal universal e da Universidade, das diferenças e das conquistas democráticas. Também em uma espiral crescente nos últimos anos: o WhatsApp, por exemplo, a serviço da desinformação e transformado em veículo de informações verídicas destruindo um dos possíveis pilares democráticos da imprensa livre. Pior do que isso: tal veículo de comunicação destrói a fala. Não existe fala no WhatsApp, pois não há diálogo: este exige a presença e sem esta os ideais da

modernidade são esfacelados, entre eles a democracia e a interrogação (DUNKER, 2019).

As tecnologias e técnicas mais sofisticadas podem promover mais ainda a especialização e a interdisciplinaridade tão propalada acaba por ser pura disciplina, apenas uma palavra para sofisticar o discurso ou formar um trabalhador múltiplo de afazeres, mas cego diante do conhecimento. Talvez mais que isso: e se a interdisciplinaridade não for apenas disciplina no sentido de um aprendizado, mas *disciplinamento* no sentido de sujeição e perda das capacidades cognitivas e indagativas? Diante de cenário assim delineado, coloca-se a filosofia como esforço urgente e necessário em cursos de formação de tecnólogos. Mas não só nestes: em todos os cursos de ciências da natureza, de ciência aplicada e de ciências sociais aplicadas. Estes – como administração e economia, por exemplo – possuem triste trajeto de construir “verdades” sociais e econômicas pouco claras, em puro determinismo tangenciando o absurdo: mercados autorreguláveis, dívida pública e tetos de gastos como obra essencial de “saneamento” do Estado, entre outras.⁷

A questão da especialização e sua articulação com as tecnologias não é problemática tão somente do conheci-

⁷Impossível não destacar a própria palavra e seu estar entre aspas: saneamento como parte de uma metáfora biológica, o Estado como corpo que precisa ser *sanado*, estar *são*. E isso é obra e tarefa dos especialistas, dos tecnocratas. O problema desse discurso sabemos sempre qual é: cortes e defecção de políticas públicas com exclusão das organizações da sociedade civil e de toda a sociedade nas decisões, ou seja, destruição das próprias bases da democracia.

mento particularizado. Não se trata apenas de investigar os objetos técnicos e as tecnologias como linguagens e demonstrar seu caráter narrável dentro da filosofia. A especialização e sua radicalidade em um entroncamento “tecnicista” tornam-se problema social e de sobrevivência das apostas no projeto da modernidade, da universalidade, integração dos saberes, do diálogo (atravessamento do logos em seu sentido grego, não um genérico falar) e da democracia, dos limites do progresso humano, para retomar o artigo citado anteriormente de Simondon.

É em outra chave a discussão sobre progresso que propõe Simondon, não aquela tecnicista da desgastada e recorrente posição positivista em relação aos objetos técnicos, mas um deslocamento para o processo de individualização em relação à concretização objetiva. Sem essa articulação necessária, realizada por uma atividade simbólica, analógica, reflexiva, transdutiva, com conceituária Simondon, próprias ao pensamento filosófico, mantém-se a alienação, que nesse caso não se trata apenas da alienação do trabalho em relação ao capital, mas aprofunda-se em uma alienação frente à técnica, à tecnologia, uma desconexão perversa entre cultura e técnica. Por isso Simondon vê a formação especializada, calcada no tecnicismo e que desconsidera essa ruptura entre cultura e técnica, entre pensamento filosófico e pensamento téc-

nico, como perigosa, produtora de alienação. É como se o tecnólogo estivesse intimamente ligado ao pensamento filosófico, como se, idealmente, o filósofo necessitasse ser também um tecnólogo e vice-versa, um caminho da civilização (re)integrar os objetivos técnicos à cultura. Não por acaso Simondon recobra os pré-socráticos, principalmente a escola jônica, como sendo formadora dos primeiros “engenheiros”, “tecnólogos”, “técnicos por excelência”.

Uma educação superior em tecnologia concebida dessa maneira tecnicista só reforça o círculo vicioso que começou a abranger a formação cada vez mais cedo, já nas séries iniciais do ensino fundamental, com a ideia de uma suposta profissionalização futura aliada ao uso utilitário das tecnologias, dentro de uma lógica de criação de subjetividades que incorporam a tecnologia ou o humano escravizados, uma lógica não emancipadora em sua relação com a cultura, naturalizando moralmente essa escravização via o consumo tecnológico espetacularizado.

Nestas interfaces de conhecimento e sociedade e de discursos laudatórios do saber especializado – potencializados ao extremo nos cursos de formação superior de tecnólogos – julga-se o saber da filosofia tão importante e urgente. Não se pode acorrentar Prometeu sem pagar um preço social e cognitivo muito alto por isso.

Referências

- BIRMAN, Joel. *O sujeito na contemporaneidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- _____. *Arquivos do mal-estar e da resistência*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.
- CHAUÍ, Marilena. "O desafio filosófico de Espinosa". In: NEGRI, Antonio. *A anomalia selvagem: poder e potência em Espinosa*. São Paulo: Editora 34/Politeia, 2018.
- CRONENBERG, David. *Consumidos*. Rio de Janeiro: Objetiva/Alfaguara, 2014.
- DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol. 5*. Tradução Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Editora 34, 1997.
- DOTI, Marcelo Micke. Onde começa a EPT. In: FREIRE, E.; VERONA, J. A.; BATISTA, S. S. S. *Formação Tecnológica: extensão e cultura*. Jundiaí: Editora Paco, 2018a.
- _____. Tecnologias como linguagem: configurações atuais da sujeição e dominação. In: *II SIMPÓSIO NACIONAL EDUCAÇÃO, MARXISMO, SOCIALISMO*, n. II, 2018b, Belo Horizonte, UFMG. Disponível em <<https://www.simposioedumarx.com.br/trabalhos-completos-mesas-de-discus>> Acesso em: 23 de outubro de 2018.
- _____. "Técnica como linguagem e escrita do mundo". In: *Revista Eletrônica de Tecnologia e Cultura (RETC)*, Jundiaí, 22ª edição, parte II, dezembro de 2018c.
- DOR, Joël. *Introdução à leitura de Lacan: o inconsciente estruturado como linguagem*. Porto Alegre: Artmed, 1989.
- DUNKER, Christian Ingo Lenz. "Psicologia de massas digitais e análise do sujeito democrático". In: VVAA. *Democracia em risco? 22 ensaios sobre o Brasil hoje*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- FREIRE, Emerson. "'Faltam-nos poetas técnicos': em direção a uma formação tecnoestética". In: FREIRE, E.; VERONA, J. A.; BATISTA, S. S. S. *Formação tecnológica: extensão e cultura*. Jundiaí: Editora Paco, 2018.
- GIBSON, William. *Neuromancer*. São Paulo: Aleph, 2016.
- GLEICK, James. *A informação: uma história, uma teoria, uma enxurrada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- GUATTARI, Félix. *Cartographies schizoanalytiques*. Paris: Éditions Galilée, 1989.
- LANDES, David S. *Revolution in time: clocks and making of the modern world*. Cambridge/London: Harvard University Press, 1983.
- _____. *Prometeu desacorrentado: transformação tecnológica e desenvolvimento industrial na Europa ocidental desde 1750 até nossa época*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.
- LEMOIS, André. *Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. Porto Alegre: Sulina, 2007.
- LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. Ed. 2. São Paulo: Editora 34, 2010.
- _____. *Cibercultura*. Ed. 3. São Paulo: Editora 34, 2010.
- _____. *O que é o virtual?* Ed. 2. São Paulo: Editora 34, 2011.
- SAFATLE, Vladimir. *Introdução a Jacques Lacan*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.
- SAFRANSKI, Rüdiger. *Romantismo: uma questão alemã*. São Paulo: Estação Liberdade, 2010.
- SIMONDON, Gilbert (1968). "Entretien sur la Mécanologie". In: *Revue de Synthèse*, tome 130, 6a. série, no. 1, 2009, p. 103-132.
- _____. *Du mode d'existence des objets techniques*. Paris: Aubier - Montaigne, 1969.
- _____. "Les Limites Du Progrès Humain". *Cahiers Philosophiques*. Centre National de Documentation Pédagogique, no. 42 (1990): 7-14.
- SODRÉ, Muniz. *Ciência do comum: notas para o método comunicacional*. Petrópolis: Vozes, 2018.
- TÜRCKE, C. *Sociedade excitada: filosofia da sensação*. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.
- WIENER, Norbert. *Cibernética e Sociedade: o uso humano de seres humanos*. Traduzido por José Paulo Paes. 2 ed. São Paulo: Cultrix, 1968.
- _____. *Cibernética. Ou Controle e Comunicação no animal e na máquina*. Traduzido por Gita K Ghinzberg. São Paulo: Editora Polígono, 1970.
- ŽIŽEK, S. "O supereu pós-moderno". In: *Folha de São Paulo*, São Paulo, 30 de dezembro de 1999. Caderno Especial.

Recebido: 30/09/2019

Aprovado: 22/07/2020

Publicado: 30/12/2020